



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA CLARA FIRMINO DUARTE

**“TORNA SÃO O ÚTERO DOENTE”: OS ANÚNCIOS DE REMÉDIOS PARA AS
“DOENÇAS DE SENHORAS” NO *JORNAL DAS MOÇAS* NO INÍCIO DO SÉCULO
XX.**

GUARABIRA

2024

MARIA CLARA FIRMINO DUARTE

**“TORNA SÃO O ÚTERO DOENTE”: OS ANÚNCIOS DE REMÉDIOS PARA AS
“DOENÇAS DE SENHORAS” NO *JORNAL DAS MOÇAS* NO INÍCIO DO SÉCULO
XX.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em História.

Orientadora: Pr^a Dr^a Edna Maria Nóbrega Araújo.

GUARABIRA

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D812t Duarte, Maria Clara Firmino.
"Torna são o útero doente" [manuscrito] : os anúncios de remédios para as "doenças de senhoras" no Jornal das Moças no início do século XX / Maria Clara Firmino Duarte. - 2024.
37 f. : il.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo, Departamento de História - CH".

1. Jornal das Moças. 2. Anúncios. 3. Remédios. 4. Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 305.42

MARIA CLARA FIRMINO DUARTE

“TORNA SÃO O ÚTERO DOENTE”: OS ANÚNCIOS DE REMÉDIOS PARA AS
“DOENÇAS DE SENHORAS” NO *JORNAL DAS MOÇAS* NO ÍNÍCIO DO SÉCULO
XX.

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em História.

Área de Concentração:

Aprovada em: 19/11/2024

BANCA EXAMINADORA.

Edna Maria Nóbrega Araújo
Profª Drª Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Meneses
Profª Drª Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Naiara Ferraz Bandeira Alves
Profª Drª Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho ao meu querido primo-irmão Kerginaldo Firmino Júnior, meu grande amigo e incentivador, cuja vida foi ceifada repentinamente em decorrência de uma terrível doença meses antes do meu ingresso na graduação. A você dedico este e todos os outros trabalhos da minha vida.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cunhandy	21
Figura 2 – A Saúde da Mulher	22
Figura 3 – A Saúde da Mulher	24
Figura 4 – A Saúde da Mulher	26
Figura 5 – A Saúde da Mulher	28
Figura 6 – A Saúde da Mulher	30
Figura 7 – Regulador Sian	32
Figura 8 – Uterosano	33

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A HISTÓRIA DA SAÚDE E DAS DOENÇAS	11
2.1 A doença é uma desordem! Discussão acerca das doenças nas estruturas sociais.....	13
2.2 Tecnologias do corpo: as percepções médicas em torno do feminino.....	14
3 “A REVISTA QUE PODE DEIXAR EM CADA PORQUE NÃO HÁ PERIGO DE PERVERSÃO”: UMA VIAGEM PELO <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>	16
3.1 A revista como fonte histórica.....	17
4 “O GRANDE REMÉDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS”: OS ANÚNCIOS DE REMÉDIOS NO <i>JORNAL DAS MOÇAS</i>.	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	36

“TORNA SÃO O ÚTERO DOENTE”: OS ANÚNCIOS DE REMÉDIOS PARA AS “DOENÇAS DE SENHORAS” NO *JORNAL DAS MOÇAS* NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Maria Clara Firmino Duarte¹

RESUMO

Ao longo da história, o conhecimento em torno do corpo e da saúde das mulheres tem gerado diversas dúvidas e incertezas, como resultado de estigmas ligados ao seu sistema reprodutor. O útero foi por muito tempo visto como o grande causador de doenças nas mulheres, desde cólicas a dores de cabeça e reumáticas, uma vez que esteve associado ao sistema nervoso central feminino, comprometendo assim o equilíbrio do corpo das mulheres e sendo porta de entrada para as enfermidades. Neste sentido, os medicamentos surgem como forma de evitar que as doenças provocadas pelo útero doente possam prejudicar a vitalidade das mulheres, de forma a fortalecer e proporcionar vigor e disposição. A partir do final do século XIX e início do século XX, período marcado pelo Movimento Sanitarista que implantou novos modelos de higiene, os anúncios de medicamentos indicados para o tratamento de “doenças de senhoras” ganharam projeção significativa nas revistas e jornais de grande circulação nos principais centros urbanos. Grande parte desses anúncios estavam apoiados na falas dos médicos, no qual defendiam que o útero era a fonte da saúde das mulheres e que, uma vez que ele fosse acometido por alguma enfermidade, estaria comprometendo o funcionamento do corpo feminino. O contato com o *Jornal das Moças*, periódico desenvolvido inteiramente para as mulheres da elite carioca, possibilitou-nos observar os anúncios de alguns desses medicamentos, bem como entender a maneira que a classe médica lidava com os incômodos femininos, voltando-se para os discursos de fragilidade e da moral. Ou seja, observamos como os anúncios se relacionam com as leitoras do jornal, buscando manter com elas uma relação de afinidade comparada a de uma amizade próxima, e também buscamos investigar a presença das propagandas dos remédios voltados para tratar os males femininos provocados pelo útero, quais as suas indicações e como se apresentam dentro do periódico. Nesse sentido, esta pesquisa tem, como recorte temporal as décadas compreendidas entre 1914-1940, período em que os anúncios de medicamentos se tornaram marcantes nos jornais e revistas que circulavam no país, com destaque na presente pesquisa para o *Jornal das Moças*. O referencial teórico está voltado para Sant’Anna, De Luca, Bertucci, Araújo, Vieira, Del Priore, Le Goff, Foucault e Martins.

Palavras-Chave: Jornal das Moças; Anúncios; Remédios; Mulheres.

“MAKES THE SICK WOMB HEALTHY”: ADVERTISEMENTS FOR REMEDIES FOR “LADIES’ DISEASES” IN THE LADIES’ NEWSPAPER AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY.

ABSTRACT

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: clarafirmino02@gmail.com

Throughout history, knowledge about women's bodies and health has generated many doubts and uncertainties as a result of stigmas associated with their reproductive system. The uterus was long seen as the main cause of diseases in women, from cramps to headaches and rheumatism, since it was associated with the female central nervous system, thus compromising the balance of women's bodies and being a gateway for illnesses. In this sense, medications emerged as a way to prevent diseases caused by a sick uterus from harming women's vitality, in order to strengthen and provide vigor and disposition. From the end of the 19th century and beginning of the 20th century, a period marked by the Sanitarian Movement that implemented new hygiene models, advertisements for medications indicated for the treatment of women's illnesses gained significant prominence in magazines and newspapers with large circulation in the main urban centers. Many of these advertisements were supported by statements by doctors, who argued that the uterus was the source of women's health and that, once it was affected by some disease, it would compromise the functioning of the female body. Our contact with *Jornal das Moças*, a periodical developed entirely for women from Rio's elite, allowed us to observe advertisements for some of these medications, as well as to understand how the medical profession dealt with female discomforts, focusing on discourses of fragility and morality. In other words, we observed how the advertisements related to *Jornal das Moças'* readers, seeking to maintain a relationship of affinity with them, comparable to that of a close friendship, and we also sought to investigate the presence of advertisements for medications aimed at treating female ailments caused by the uterus, what their indications were and how they were presented within the periodical. In this sense, this research has, as its time frame, the decades between 1914-1940, a period in which advertisements for medicines became prominent in newspapers and magazines that circulated in the country, with emphasis in this research on *Jornal das Moças*. The theoretical framework is focused on Sant'Anna, De Luca, Bertucci, Araújo, Vieira, Del Priore, Le Goff, Foucault and Martins.

Keywords: Newspaper for Young Women; Advertisements; Medicines; Health;

1 INTRODUÇÃO

O século XIX serviu de cenário para importantes avanços tecnológicos, científicos e culturais. Foi também palco de significativas mudanças políticas e estruturais na sociedade brasileira, período marcado por descobertas e invenções científicas. Um dos maiores avanços desse período, atuante até hoje na sociedade, é a imprensa, em seus mais variados formatos, jornal, revista, mídia em geral, servindo de um importante meio de comunicação entre os povos. Vindo junto com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, a imprensa é o espaço de compartilhamento de ideais e diversos conteúdos, a depender do seu público-alvo, ou seja, aqueles a quem a revista ou jornal irá interessar.

As revistas, cujo público-alvo são mulheres, direcionam seus olhares inteiramente para este público, buscando atender às suas necessidades. Em geral, esses meios de comunicação assumem características marcantes, na intenção de que suas leitoras a enxerguem como uma conselheira e amiga, e é por esse motivo que as revistas femininas se empenham em produzir um conteúdo, que não só agrade

as mulheres, mas que também possam fornecer a elas dicas para resolver seus problemas diários. Segundo Tânia Regina de Luca (2013), a revista feminina *Órbita* sobre assuntos perenes, que não são submetidos a constância do tempo curto do acontecimento, ou seja, assuntos cujos conteúdos não se modificam com o passar do tempo, são atemporais.

Revistas direcionadas as mulheres, não se preocupavam em transmitir assuntos como política ou economia, segundo as próprias revistas, as mulheres não eram capazes de entender temas complexos como estes, na verdade porque nem ocupavam espaços na sociedade que lhes permitissem ter acesso a esses temas. Ao invés disso, dedicavam-se a trazer conteúdos como moda, beleza, culinária, cuidados domésticos, educação dos filhos, decoração de casa e tantos outros.

No final do século XIX e início de século XX, as revistas abriram espaço para mais um conteúdo em suas páginas, os anúncios de remédios, movido pelo Movimento Sanitarista. Esses anúncios começam a ganhar cada vez mais espaço quando inicia o século XX. Na revista quinzenal *Jornal das Moças*, principal fonte desta pesquisa, isso não foi diferente.

O *Jornal das Moças* foi uma importante revista, que surge no Rio de Janeiro e circula nas grandes capitais e algumas cidades do interior do país, entre 1914 e 1965. Era um periódico produzido para o público feminino, desde as moças de família até as esposas e mães da elite carioca. A partir dos seus primeiros anos de circulação, já é possível perceber anúncios de medicamentos, que prometiam curar as chamadas “doenças de senhoras” estampando as páginas da revista.

Meus primeiros contatos com o *Jornal das Moças* ocorreram ainda no componente curricular de Metodologia de Pesquisa em História, e logo consegui enxergar as infinitas possibilidades de se trabalhar com esta revista. Posso dizer que me tornei leitora assídua dela para que pudesse perceber os detalhes que ornaram suas páginas, sempre empenhados em produzir anúncios, matérias, imagens, reportagens, que fosse inspiração para as mulheres da elite.

O *Jornal das Moças* se atentou as transformações que ocorriam na sociedade, em cada década é possível notar as significativas mudanças que ocorreram em seu interior. Até a década de 1940, há a presença marcante desses medicamentos na revista, no entanto, a década de 1950 foi verdadeiramente um marco para a revista, a partir desse momento, o *Jornal das Moças* ganha um novo perfil, muitas matérias deixam de aparecer, a revista não aceita mais cartas ou textos das suas leitoras, e, principalmente, os anúncios de remédios para as senhoras, a partir de então, serão trocados por anúncios de produtos de beleza, como batom, maquiagem em geral, cremes faciais e outros. O período de 1914 a 1940 foi o espaço de tempo em que houve investimento da revista nos remédios para tratar a saúde das mulheres. Além disso, nesse momento, nas primeiras décadas, há uma continuação do discurso médico do final do século XIX, ou seja, o recorte temporal é o reflexo dos avanços médicos do século anterior.

O fato é que, os anúncios não tinham apenas a função de mostrar determinado medicamento, mas de difundir uma ideologia de que todas as doenças, que afligia as mulheres, eram causadas pelo aparelho reprodutor e passavam a ideia, através, principalmente, das imagens e dos slogans dos anúncios, de que um corpo belo e vigoroso era sinônimo de um corpo saudável.

Neste viés, utilizando a fala de Alain Corbin (2005), este afirma que qualquer coisa que seja indicativo da experiência humana é, por tanto, útil a um historiador. Assim, esta pesquisa, que apresenta como fonte a revista *Jornal das Moças*, busca investigar as propagandas de medicamentos indicados para a saúde das mulheres de

1914 a 1940, bem como analisar as maneiras que esses anúncios são expostos na revista e como o discurso médico, sobre a saúde das mulheres, pôde influenciar a exposição desses medicamentos. Mediante a esta discussão, para sustentar os argumentos levantados nesta pesquisa, serão utilizados aqui autores que dialogam sobre a História da Saúde e das Doenças e História da Imprensa no Brasil tais como: Le Goff (1997), Foucault (1980), Araújo (2020), Vieira (2002), De Lucca (2013), dentre outros.

Assim, observando uma revista, que foi dirigida e produzida inteiramente para o público feminino, que seja possível explorar e questionar a presença desses remédios e qual a relação que desejava ter com as leitoras. Qual o interesse desses anúncios? O que os anúncios desses remédios queriam passar para as leitoras? Ou melhor, por que falar de saúde e doença utilizando como fonte uma revista?

Diante de tais discursões, serão abordadas perspectivas quanto a saúde e doença das mulheres no Brasil, representação feminina em revista, diálogo sobre as modificações trazidas pelas doenças no contexto social e como a medicação dos corpos pode ser de interesse do Estado.

2 A HISTÓRIA DA SAÚDE E DAS DOENÇAS

“A doença pertence não só à história superficial dos progressos científicos e tecnológicos como também à história profunda dos saberes e das práticas ligadas às estruturas sociais, às representações, às mentalidades” (Le Goff, 1997, p. 8). Em primeiro lugar, tomando como base essa fala de Jacques Le Goff, a saúde e a doença são mecanismos importantes dentro de uma sociedade, para que, a partir de uma análise, seja possível que o historiador problematize um estudo acerca do comportamento social em determinado momento da história. Dessa maneira, além de entender suas práticas de cura e os saberes que cercam as doenças, é lícito também perceber como determinada sociedade se comportava diante das doenças que afligiam a população e de qual forma estas doenças poderiam se manifestar.

Um leitor que ainda não esteja familiarizado com este campo de discussão historiográfica, poderá se perguntar o que um historiador faz ao tomar como objeto de pesquisa uma doença. Por se tratar de um fato biológico, não deveria ser um tema da alçada de médicos e outros profissionais da saúde? Não somente. Para além de sua manifestação fisiopatológica, o que a coloca no domínio das Ciências da Saúde, uma doença é também um fato social, e por isso mesmo possui sentidos e significados construídos culturalmente que dizem respeito à articulação dos olhares que as sociedades elaboram sobre um flagelo, revelando muito do pensamento que as sociedades têm de si mesmas. As doenças pertencem à história e ao historiador. (Araújo, 2020, p.5).

O campo da História da Saúde e da Doença não é nenhuma novidade para o historiador, uma vez que ganhou projeção a partir da década de 1970, com dos trabalhos de Jean-Pierre Peter, outros de Jacques Le Goff, Philippe Ariès, Jean Delumeau e Jean-Charles Sournia, que se aprofundaram com a produção de diferentes temáticas e trouxeram para o campo historiográfico as especificidades do corpo (Fleck; Anzai, 2013). A História Nova e os embates historiográficos permitiram uma maior abrangência das fontes históricas, tornaram possível dialogar sobre as perspectivas em torno de áreas, que ainda não eram comuns aos historiadores enquanto fonte e recorte temático, aqui trazendo o exemplo da saúde e das doenças, onde até então a grande maioria dos estudos eram produzidos pelos médicos.

Jacques Le Goff (2005) especifica, de forma sucinta, a contribuição desta corrente historiográfica para o trabalho com documentos:

A história nova ampliou o campo do conhecimento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, nos documentos escritos, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. (Le Goff, 2005, p. 28).

Outrossim, vale salientar que a história da saúde e da doença ainda é uma área que, embora desde o século XX os historiadores tenham se dedicado as pesquisas, necessita de novos olhares, de novas percepções e de produções, por parte dos historiadores, em especial, no que se refere à saúde das mulheres.

Os textos médicos presentes em vários meios, sempre enalteciam a medicina e suas práticas, passando uma visão triunfante da classe médica no combate as doenças na preservação da saúde coletiva e individual. Nas palavras de Karolina Dias da Cunha “esses textos foram produzidos quase que exclusivamente por médicos e ofereciam uma narrativa descritiva e esquemática que conduzia inexoravelmente à celebração dos avanços da medicina moderna” (Da Cunha, 2015, p.634).

Esses textos, bem como a cultura material, não podem ser deixados a margem da história, eles trazem consigo uma enorme bagagem de informações sobre um período, sobre uma classe, acerca de uma sociedade, que precisam ser analisados pelos historiadores. André Mota e Lilia Blima Schraiber (2014) destacam a importância da memória da medicina, visto que esta memória não está dissociada do saber histórico, os vestígios mais visíveis, que sinalizam o saber e as práticas médicas, não estão totalmente ligados à produção médica, mas em grande parte aos materiais que sobreviveram, tais como “tratados sobre doenças, vultos da medicina, relatos de adoecimentos em certos contextos e épocas ou os artefatos e os instrumentos da prática dos médicos que podem ser coletados” (Mota; Schraiber, 2014, p. 1087). Além disso, eles evidenciam a preocupação da medicina em curar, em tratar uma doença e não só em cuidar do corpo, que está adoecido, como nas palavras de Luz (2019) a medicina é a “teoria e arte de curar”.

Para Foucault (1980) a medicina moderna tomou para si sua própria data de nascimento, em torno do final do século XVIII, a partir daí, ela reflete sobre si mesma, num empirismo que não descansa na redescoberta de valores absolutos, mas sim na reorganização do espaço uma vez que foi lançado sobre ela um olhar, que se prendeu no sofrimento dos homens.

Mas por que deveria o historiador escrever sobre o sofrimento dos homens chamados doenças? Para Araújo (2020) “a doença se constitui como um instrumento privilegiado para o historiador perceber as relações sociais e de poder, por meio dos valores sociais e práticas institucionais erigidos sobre a enfermidade” (Araújo, 2020, p. 7).

A História busca, por tanto, produzir uma história das doenças diferente da que foi escrita pelos médicos e outros profissionais. Agora, não será exaltada a profissão, mas sim os significados, as subjetividades, os sentidos que foram atribuídos as enfermidades.

2.1 A doença é uma desordem! Discussão acerca das doenças nas estruturas sociais.

Investigar as manifestações das doenças dentro das estruturas sociais é também considerar que um fenômeno biológico faz parte da história e, portanto, torna-se objeto de pesquisa para o historiador (Fleck; Anzai, 2013), uma vez que as doenças podem ser entendidas como elemento modificador na sociedade, atuando desde discursos médicos sanitaristas ligadas ao corpo até comportamentos e representações consideradas como corretas em determinados locais na sociedade.

Araújo (2020) defende que:

Os autores chamaram a atenção para a doença não apenas enquanto um fato biológico, mas enquanto um elemento social que passa pelas elaborações e articulações de diferentes grupos e atores sociais, permitindo assim trazer à tona os olhares que uma sociedade possuía sobre determinada doença. Os acontecimentos mórbidos, como tão bem elaboraram Revel e Peter (1988), possibilitam observar como em épocas e lugares distintos, os dispositivos de poder – o Estado, órgãos administrativos, instituições religiosas e filantrópicas – se organizaram entorno de uma enfermidade no intuito de debelar o mal, relevando práticas de controle dos corpos e a intervenção médica sobre o corpo social e individual [...] (Araújo, 2020, p.8).

As doenças podem ser entendidas de diferentes formas, de acordo com seu período histórico, podendo advir de contextos ambientais, práticas religiosas, por contaminações ou não. Cada caso reflete o olhar da sociedade mediante a origem das doenças.

Ainda sobre a doença:

A doença, longe de ser apenas um fato biológico resultado da manifestação fisiopatológica de uma enfermidade, se constitui em um fato social, pois a partir de seu aparecimento são construídos sentidos, tecidas significações que envolvem não apenas o flagelo, mas o flagelado. (Araújo, 2020, p.3)

A doença, enquanto elemento modificador na sociedade, detém a capacidade do controle social, que é em sua maioria desempenhado pelo movimento higienista, que transpassa os setores públicos e adentram os lares e meios familiares. A medicina passa, então, a demandar um hiper foco na saúde, em um corpo saudável e não mais na doença. Ela se preocupará com o corpo, para que este seja dotado de vigor, já a doença é entendida como aquela que prejudica, fere e desordena o bom funcionamento do corpo são. Para Elizabeth Meloni Vieira (2002) a doença passou a ser vista como a causa de desorganização e de um mau funcionamento social.

É baseada nessa perspectiva que os médicos assumem papel mais amplo dentro das estruturas sociais, quase como um cientista social ou como uma figura de educador, alguém que repassará as regras de cuidado com a saúde. No final do século XIX no Brasil, essa transformação foi marcada pelo processo de medicalização da sociedade, ou seja, convertendo os aspectos da vida cotidiana, desde os mais simples, em um objeto da medicina ao ponto de assegurar conformidade às normas sociais (Vieira, 2002).

Vieira (2002) defende ainda que a prática médica é uma prática intervencionista, uma vez que ela transpassa o discurso disciplinador sobre os corpos

e se interliga a prática da apropriação. Os médicos são também tidos como guardiões da moral e dos costumes, o que pode ser facilmente percebido nos inúmeros artigos e discursos médicos que estão presentes nas páginas de jornais e revistas do final do século XIX e início só século XX.

2.2 Tecnologias do corpo: as percepções médicas em torno do feminino

Trazendo para destaque o entendimento médico acerca da saúde e das doenças das mulheres no início do século XX no Brasil, podemos dizer que permaneceu ainda bastante arraigado o discurso médico das últimas décadas do século XIX, conforme Ana Paula Vosne Martins (2004) esclarece em seu trabalho:

Uma dessas conseqüências é a imagem construída pelos médicos a respeito da organização do corpo feminino. Ao longo do século XIX, obstetras, ginecologistas e médicos legistas usaram os resultados de experiências anatomofisiológicas para fundamentar suas teorias sobre a organização nervosa do corpo feminino, em sistema de rede, ligando ovários e útero através de gânglios e nervos ao eixo cérebro-espinhal. O problema reside nas interpretações ideológicas que foram dadas a tal organização. Os médicos estabeleceram que na mulher este sistema era instável, marcado pelo desequilíbrio e que, portanto, qualquer excitação periférica – sempre de origem sexual – poderia perturbar o frágil equilíbrio do sistema e causar problemas psíquicos que variavam de uma simples dor de cabeça chegando a estados melancólicos, manifestações histéricas e delírios que podiam levar as mulheres a cometerem atos contrários à sua vontade, como o infanticídio e o suicídio. (Martins, 2004, p. 111)

À vista disso, as variações nervosas, causadas pelo desequilíbrio no útero, poderiam ocasionar, na perspectiva médica, doenças não só no aparelho uterino, como também em qualquer outra parte do corpo feminino, desde um simples incômodo na barriga até desgastes emocionais e sintomas de histeria, faziam parte do que era chamada a “doença do útero”. Os médicos se empenharam em levantar argumentos que defendesse essa tese, a sexualidade, por exemplo, era o principal argumento que sustentava essa proposição.

Segundo Denise Sant’Anna (2000), as tentativas feitas para conhecer o corpo e o seu funcionamento, levando em consideração seus significados biológicos e culturais, é uma forma de esclarecer certos estigmas, mas também não está livre de gerar mais indagações e dúvidas a seu respeito. Na verdade, é preciso considerar que o estudo em torno do corpo e da saúde das mulheres teve início, no Brasil, somente na segunda metade do século XIX (Martins, 2004). E de certa forma, essa medicina estava articulada a um discurso de diferença dos corpos, ou seja, o início da clínica feminina não estudava o corpo feminino pela sua totalidade, baseado na sua complexidade e especificidades, mas sim pela diferença deste corpo em comparação ao corpo masculino.² Os médicos utilizaram esse contexto de desigualdade e assimetria e se apropriaram dessa narrativa para defenderem que mulheres e homens eram diferentes, e que, portanto, a cada um caberia assumir um papel e um posicionamento na esfera social. No entanto, os médicos não se preocuparam em analisar o corpo e a saúde feminina tomando como base o próprio corpo, na realidade, estavam mais interessados em conseguir artifícios para sustentar o argumento de

² Conceito de diferença aqui defendido foi elaborado por Thomas Laqueur. LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

inferioridade das mulheres em relação aos homens e o início da medicina ginecológica e a sexualidade apenas serviram para comprovar isso (De Freitas, 2008).

De fato, o século XIX foi palco de inúmeras transformações, surgimento de novas correntes ideológicas, difusão de saberes e desenvolvimento da ciência. No campo da medicina da mulher, nota-se que os discursos estavam voltados no sentido da constituição da diferença sexual feminina, em algumas teses³ defendidas por mulheres é possível perceber que a ginecologia e a obstetrícia estavam relacionadas a um movimento maior que o corpo doente (De Freitas, 2008).

Na obstetrícia, por exemplo, os saberes que cercavam essa prática, desde o conhecimento do corpo feminino até os manejos a serem utilizados no momento da concepção, saem das mãos das parteiras e se deslocam para as mãos dos médicos. Para Vieira (2002), o desenvolvimento da obstetrícia, enquanto disciplina médica, significa uma ação intervencionista, além de discursiva. No Brasil, as duas escolas de medicina trouxeram uma cadeira denominada “Moléstia das mulheres pejadas e meninos recém-nascidos” (De Freitas, 2008)⁴.

Trata-se de um momento em que os conhecimentos culturais, advindo de anos de prática, atravessando gerações inclusive, são transferidos para uma classe que ainda, no período, estava em ascensão nos estudos de corpo e saúde feminina, além disso, não adotou como fonte de estudo o próprio corpo. O século XIX, pode-se dizer, foi marcado por esta consolidação da medicina enquanto profissão liberal e, não longe disso, atribuir ao médico uma valorização diretamente ligada ao conhecimento e a atuação.

Esta pode ser, inclusive, uma problemática. O século XIX trouxe consigo uma quantidade considerável de produções, que orbitam os saberes e os manuseios da saúde feminina. No entanto, ao partir para o século seguinte, é perceptível que as produções, em especial de historiadores, decaem. Talvez, por ter sido o período que protagonizou o avanço dessa medicina, o século XIX se tornou o alvo de historiadores, que se dedicam a pesquisar a história da saúde e das doenças, deixando o século XX e seus significativos avanços também à mercê de lacunas. Alguns trabalhos se limitam ao corpo, suas representações e redescobertas, mas não adentram em investigar a manifestação das doenças nesses corpos. O que torna esta pesquisa quase como pioneira é justamente por ela ser um dos primeiros trabalhos, que utilizam o *Jornal das Moças*, a analisar anúncios de medicamentos, bem como levantar discussões sobre a saúde das mulheres baseada nos próprios textos médicos presentes na revista.

Dessa maneira, compreende-se a necessidade de abordar a História da Saúde e das Doenças, em especial a saúde das mulheres, visto que esse ainda é um

³ Ler as teses de ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo, contracepção e natalidade na medicina da mulher. Tese de doutorado em Antropologia, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ, 2000; VOSNE, Ana Paula Martins. **A medicina da mulher**: visões do corpo feminino na constituição da Ginecologia e a da Obstetrícia no século XIX. Tese de doutorado em História, Campinas: Programa de Pós-Graduação em História, Unicamp, 2000.

⁴ No segundo capítulo de sua obra, Patrícia de Freitas faz um apanhado trazendo as primeiras cadeiras dedicadas ao estudo dos partos nas escolas médicas no Brasil. Quase no mesmo período do surgimento dessa disciplina no Rio de Janeiro, emerge também em Salvador. Ela também lança luz sobre a relação da obstetrícia, a época intitulada como “Partos, moléstias de mulheres pejadas e paridas e de meninos recém-nascidos”, com a cadeira de cirurgia – ministrada separadamente – dessa junção tornou possível os médicos articularem também a cirurgia ginecológica, permitindo a retirada de tumores e histerectomias, tornando-se em uma atividade lucrativa.

conteúdo pouco abordado pelos historiadores e pode trazer um vasto conhecimento acerca da história daquelas que por tanto tempo ficaram as margens da história.

3 “A REVISTA QUE PODE DEIXAR EM CADA PORQUE NÃO HÁ PERIGO DE PERVERSÃO”: UMA VIAGEM PELO JORNAL DAS MOÇAS

Cultivar, ilustrando, e ao mesmo tempo deleitando o espírito encantador da mulher brasileira, a quem é dedicada esta revista, será o seu, sinão único escopo, pelo menos a sua mais viva e mais ardente preocupação. Levar ao lar das famílias patricias, além da graça e do bom humor que empolgam, da musica e canto que embalam, dos brincos e contos infantis que deleita, da moda que agrada, do romance que desfaz as visões tristes da existência, da nota mundana a que satisfaz, a curiosidade insofrida, os conhecimentos úteis que instruem, eis certamente a mais bella feição da imprensa que procura viver do favor publico. (*Jornal das Moças*, 1914, nº 1, p. 5).

Esta é uma das primeiras falas que estampam a primeira edição do *Jornal das Moças*⁵ de 1914. A partir dessa citação, pode-se perceber as principais características dessa revista, um periódico criado para as famílias da elite do Rio de Janeiro, em especial as mulheres, que “esbanja elegância e suavidade”.

No início do século XX, a revista *Jornal das Moças*, desde a sua fundação em 1914 (até 1965), atuava significativamente na educação e formação das mulheres de classe média e letradas da sociedade, vinculando a elas um caráter de resignação a um personagem masculino, o marido. A revista preocupava-se com a formação da personalidade feminina, por isso, empenhou-se em modelar uma figura comum às mulheres através dos conteúdos trazidos em seu interior, procurando não só construir o ideal de beleza e elegância feminina a qual deveria ser praticada pelas leitoras, mas também projetar uma formação intelectual no público feminino. As matérias que o *Jornal das Moças* trazia tinham a intenção de penetrar no cotidiano daquelas mulheres, e assim, poder-lhes oferecer um modelo de comportamento aceitável que pudessem seguir, conforme Albuquerque (2016), eram assuntos como moda, conselhos de economia doméstica, fotos de eventos que aconteciam envolvendo a sociedade fluminense, partituras de músicas, moldes de roupas, receitas culinárias, contos, poemas, anedotas, sugestão de filmes, entre tantos outros temas, que para a revista, as mulheres precisavam saber.

Chegava nas bancas às quintas-feiras, nas capitais e também em algumas cidades do interior pelo Brasil (Albuquerque, 2016). Tendo como fundador Agostinho Menezes e como diretor e produtor durante muitos anos, Álvaro Menezes, a revista era completamente elaborada e produzida na intenção de atingir exclusivamente as mulheres nos vários âmbitos de atuação, voltando-as para uma única perspectiva desejada para elas: esposa, mãe e dona de casa. Ou seja, eram homens que produziam um artifício comum as mulheres, no qual pretendia difundir e preservar antigos valores atribuídos à camada feminina, reforçando o papel social delas como submissas. Segundo Albuquerque (2016), a revista também propunha para as leitoras uma educação formativa, mas que esta não ultrapassasse os limites dos interesses familiares. Isso fica visível na seguinte passagem:

⁵ O *Jornal das Moças* pode ser encontrado em todas as suas edições no site da Hemeroteca Digital Brasileira; <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>

Ser um pouco instruída. Conhecer bem, pelo menos, os rudimentos de aritmética e de leitura. A mulher é o primeiro funcionário do Estado Familiar, pois tem a seu cargo a importante função da despesa, de cuja anarquia rebentam tantas revoluções (*Jornal das Moças*, 1 de junho de 1914, nº 02, p. 18).

A mulher deve receber uma educação mais completa do que a comum, porque nem todas nasceram para usar o anel esponsálico nem trajar a bata da maternidade (*Jornal das Moças*, 1 de março de 1916, nº 44, p. 24).

Para que seu objetivo fosse efetivado com sucesso, a produção da revista pensou em vários detalhes de formas de atuação, por isso, era de suma importância que ela circulasse nas mais diversas localidades, sendo vendida nas capitais, grandes centros urbanos e nas principais cidades do interior para que chegasse ao máximo de mulheres possíveis.

Nos primeiros anos de sua circulação, até meados da década de 1940 podemos dizer, a revista, além de seu conteúdo formativo, mantinha uma relação ainda mais direta com suas leitoras através de espaços deixados nas determinadas páginas da revista, em que as leitoras podiam escrever mensagens para a editora e posteriormente receber respostas a essas mensagens. Além disso, o *Jornal das Moças* incentivava as mulheres escritoras que enviassem seus poemas e contos para que pudessem ser publicados nas futuras edições. Não apenas isso, as leitoras mandavam também suas próprias fotografias com a intenção de serem utilizadas para estampar as próximas capas, algumas até se deslocavam a estúdios fotográficos indicados pela própria revista e assim mandar sua foto.

De igual modo, outras leitoras, na esperança de encontrar um bom rapaz para se casarem, postavam também algumas informações pessoais como nome, endereço e telefone e a revista se encarregava de colocar próximas as respectivas fotos. Ademais, o *Jornal das Moças* tinha a preocupação de exibir os eventos cívicos que aconteciam na sociedade, além de publicar fotos encaminhadas por suas leitoras relatando os mais diversos acontecimentos, como forma de mantê-las atraídas para a revista, uma vez que podiam se corresponder com ela, ou melhor, fazer parte dela.

3.1 A revista como fonte histórica

No mundo contemporâneo, os meios de comunicações têm se tornado um importante mecanismo de contato e comunicação social, trazendo uma linguagem interdisciplinar e estratégica que permite a compreensão da sociedade. Em relação à imprensa, é nítido que está bastante disseminado a pesquisas em diversas áreas, como a educação, literatura e humanidades. Esta tem sido uma fonte bastante pertinente ao historiador.

Assim como todo documento que também é monumento, está remetida ao campo da subjetividade. Os mais diversos materiais da imprensa, segundo Cruz e Peixoto (2007), não foram feitos para serem fontes de pesquisa de historiadores ou qualquer outra pessoa que queira se articular deste meio. O historiador deve, por tanto, ao escolher sua fonte, saber manuseá-la, questionando o que está dito nas matérias ou imagens como também o que está nas entrelinhas, ou foi excluído:

Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as

relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258)

Ao tratar do *Jornal das Moças*, é crucial entender que este periódico esteve em circulação por um longo período de tempo (1914-1965), e atravessou por inúmeros momentos que acabaram por estar refletidos em suas páginas. Ao folheá-lo, é fácil encontrar festas e acontecimentos estampados em seu interior. A imprensa também exerce esse papel, uma vez que é articulada enquanto fonte histórica, permite a compreensão de uma paisagem urbana, bem como as representações sociais. O historiador deve se utilizar da imprensa tal como um espelho, um reflexo de realidade, de passado e presente, suas iconografias e seus textos permitem observar isso, o que para Chartier possibilita “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída pensada, dada a ler” (Chartier, 1990, p. 16 apud Vieira, 2013, p. 6)

Para Lucas Schuab Vieira (2013), é necessário também que o historiador esteja atento a uma outra característica dessa fonte no momento de análise:

A Imprensa é linguagem característica do social, detém uma historicidade e especificidades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. Faz-se necessário refletirmos sobre como determinada publicação se constitui com força histórica ativa num determinado momento, isto é, como se constitui como sujeito, como se coloca e atua em relação à correlação de forças naquela conjuntura, quem são seus aliados, amigos ou grupos mais próximos? Que grupos ou forças sociais são identificados como inimigos adversários ou forças de oposição? (Vieira, 2013, p. 3-4)

O *Jornal das Moças* foi fonte para importantes pesquisas que tem contribuído para o campo da historiografia, no entanto, pesquisas como esta, que se utiliza dos anúncios de remédios, ainda são poucos. A maior parte de trabalhos com o *Jornal das Moças* traz a imagem e representação feminina, a moda, os poemas, algumas matérias específicas, os textos sobre maternidade, entre outros. Em virtude das inúmeras representações, que a revista *Jornal das Moças* trouxe, os historiadores se empenharam em pesquisar este meio e sua interação com as mulheres. Maria Marleide Morais Carlos (2021), por exemplo, procura fazer um recorte temporal na década de 1950 no Rio de Janeiro, local de fundação da revista, observando as mudanças nas práticas e costumes femininos baseados no estilo norte-americano, de igual forma Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos Santos (2019), que se atem em um recorte temporal mais extenso, compreendendo a primeira metade do século XX, mas utiliza uma fonte específica, as ilustrações.

Contraopondo-se às várias perspectivas trabalhadas a partir da revista *Jornal das Moças*, Lucas Santos Rosa e Maria Cecília Barreto Amorim Pilla (2019) trazem uma nova forma de observar a representação, que a revista tenta formar, os modelos que correspondem a imagem e construção do “homem ideal”, que supre as necessidades para um bom casamento e que representa a figura responsável por garantir a sua esposa uma vida digna, além de servir de exemplo para os filhos de integridade, responsabilidade e de valores que devem ser seguidos.

Nesse sentido, a imprensa periódica é válida para a pesquisa histórica, neste caso em particular com o *Jornal das Moças*, uma vez que esta revista, ao tratar em específico as mulheres da elite, transpassa uma forma de enxergar a sociedade carioca e o comportamento feminino do início do século XX.

4 “O GRANDE REMÉDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS”: OS ANÚNCIOS DE REMÉDIOS NO *JORNAL DAS MOÇAS*.

Apesar de sua grande circulação e variedade de temas, nos primeiros anos das revistas direcionadas ao público feminino, não era comum encontrar anúncios de remédios. Com uma linguagem própria, em tom coloquial, sempre um caráter semelhante a uma amizade próxima ou vista como aquela que aconselha, ampara e sugere dicas úteis para serem aplicadas no intuito de tornar as tarefas diárias menos cansativas, essas revistas traziam uma ampla produção em torno de moda, beleza, culinária e cuidados domésticos (De Lucca, 2013). No entanto, os anúncios de medicamentos só serão abordados pelas revistas a partir das últimas décadas do século XIX.

Na verdade, a multiplicação desses anúncios não ocorreu pelo mero acaso. As publicações de remédios nos periódicos foram resultadas de em uma investida médica, com o interesse de introduzir nas práticas sociais de cura, um medicamento farmacêutico e com a intenção também de fazer com que as pessoas deixassem de lado o curandeirismo e a medicina popular⁶, os quais não eram bem vistos naquela época. Segundo as palavras de Bertucci (2008), as mezinhas⁷ e as rezas foram bastante significativas e intensamente difundidas no Brasil. Em localidades mais abastadas dos grandes centros, onde não havia médicos, em qualquer necessidade, as pessoas recorriam, primeiramente, às rezadeiras, parteiras e curandeiros, os médicos, no entanto, eram os últimos a serem consultados.

O próprio Movimento Sanitarista e os discursos higienistas se encarregaram em trazer mudanças nas áreas da saúde, no asseio do corpo, da doença, do corpo em si e suas especificidades. O final do século XIX ficou bastante marcado por esses movimentos, refletindo nas primeiras décadas do século XX. Era predominante no discurso higienista o estímulo às atividades físicas e uma nutrição sadia para se alcançar uma boa saúde e acima de tudo, um corpo saudável (Del Priore, 2011).

Nesse sentido, as revistas e jornais se tornaram um espaço propício para a divulgação desses novos remédios, são nos periódicos que serão propagados hábitos e um estilo de vida saudável. Para Bertucci (2008), essas transformações ganharam:

maior visibilidade com a multiplicação de publicações periódicas nas principais cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre. Arautos de diferentes setores da sociedade, jornais e revistas refletiam múltiplos aspectos da questão do saudável. Em suas páginas eram freqüentes as transcrições de palavras dos profissionais da medicina, de notícias de empreendimentos médico-governamentais, e de propagandas de medicamentos e produtos para manutenção da saúde e desenvolvimento sadio do corpo. (Bertucci, 2008, p. 2)

No *Jornal das Moças* não foi diferente. A partir de 1916 é possível perceber que os anúncios de medicamentos começam a tomar espaço nas páginas desse periódico, os primeiros foram *A Saúde da Mulher* e *o Elixir das Damas*, na década de 1920 esses

⁶ O curandeirismo e a medicina popular são entendidos como práticas de cura de qualquer enfermidade, sem conhecimento científico.

⁷ Mezinha pode ser qualquer remédio caseiro. MATTOS, Geraldo. **Dicionário Júnior da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2010.

anúncios se ampliam, é quando chegam anúncios como o *Regulador Sian* e *Uterosano*. Denise Sant’Anna (2011) esclarece que em alguns anúncios, em certas revistas, era comum enxergar imagens de pessoas doentes, corpos enfraquecidos ou rostos contorcidos de dor, nesse período havia longos textos que detalhavam o sofrimento. Era comum encontrar também remédios destinados ao asseio do corpo, como loções, água de cheiro e desodorantes corporais. O *Jornal das Moças*, por se tratar de uma revista feminina, com todo o cuidado em manter uma imagem de uma “amizade próxima” das suas leitoras, trouxe anúncios de medicamentos que se preocuparam com sua estética, onde muitos trazem inclusive figuras de mulheres belas e jovens, corpos saudáveis dotados de beleza e vigor.

Nesse período, início do século XX, as revistas assumiram um papel de aconselhar as senhoras em seus cuidados pessoais, que, para Del Priore (2011), orbitavam sob os assuntos de boa nutrição e saúde, a harmonia das formas, a graça das atitudes, simplicidade e meiguice, a fim de torná-las perturbadoramente simpáticas e inteligentes. Para Olga Brites (2000), as propagandas se articulavam não só com problemas de políticas públicas, mas também com o universo do consumismo, sob a aparência de que o consumo é a solução universal para todos os males.

A medicalização do corpo também pode ser entendida como uma transformação dos aspectos da vida cotidiana em objeto da medicina, ao ponto de assegurar conformidade às normas sociais (Vieira, 2002). Mediar o corpo feminino, em particular, é considerá-lo principalmente a partir de sua condição humana, baseando-se, de certa forma, na sua natureza. É assim que o contexto da medicalização no corpo feminino se articula, nos cuidados do próprio corpo no sentido de administrar e regular as complexidades relacionadas a reprodução humana. Na primeira década do século XX, a medicalização amplia seus objetivos e se preocupa em transformar as pessoas na esfera social, uma preocupação do Estado também. Assim, alguns médicos propõem, que através da medicalização dos corpos, poderia se alcançar também um fortalecimento da raça. Para esses médicos, ao cuidar dos corpos estavam investindo em um projeto social.

Nos periódicos, o que sustenta esse argumento é o discurso médico. Para De Luca (2013), esses discursos serviam para fortalecer e, principalmente, legitimar os conteúdos e anúncio. A figura dos médicos nas revistas vai acentuar sua imagem de figura pública, fortalecendo sua atuação no meio social e assim podendo se tornar personalidades de grande prestígio na sociedade.

Cerca de dez medicamentos diferentes aparecem no *Jornal das Moças* de 1916 até 1940, em algumas edições é marcante a presença desses anúncios. Na maioria, são as mesmas propagandas, que vão se repetindo ao longo dos anos. Uns ficam em destaque pouco tempo, já outros permaneceram por décadas, a exemplo de *A Saúde da Mulher*, que começa a aparecer ainda nos primeiros anos da revista e perdura até a década de 1940.

Figura 1- Cunhandy

MARAVILHA DA MULHER

Cunhandy É A FONTE DA BELLEZA, DA GRACA, DA SAUDE E DA JUVENTUDE PARA AS DAMAS DE TODAS AS IDADES.

CURA AS MOLESTIAS E PERTURBAÇÕES DO UTERO E OVARIO E SUAS CONSEQUENCIAS.

PODE SER USADO SEM RECEIO EM QUALQUER OCASIÃO

FABRICANTES
JARBAS RAMOS & CA
 Tel. 8-4598
 R. S. Christovão, 607
 Agentes Gerais:
ARAÚJO FREITAS & C.
 OURIVES, 88 - RIO DE JANEIRO

Fonte: *Jornal das Moças*, nº 1021, 1935

O *Cunhandy* foi um medicamento marcante na década de 1930, como o próprio anúncio nomeia, é a maravilha da mulher. O que chama a atenção na imagem, uma logística que as revistas adotavam, é a figura central da mulher que esbanja beleza, suavidade e saúde, elementos essenciais para uma mulher nesse período, além de ser exatamente as características de um útero saudável. Percebe-se a partir daí que um útero saudável também significa “a fonte da beleza, da graça, da saúde e da juventude para as damas de todas as idades”, ou seja, o *Cunhandy* poderia ser usado em qualquer idade, a depender do caso, tanto por uma moça, que passava pela puberdade, como pela senhora que sofria com os males da menopausa. É possível visualizar que este remédio “pode ser usado sem receio em qualquer ocasião”.

Como foi dito anteriormente, outro medicamento que é notável no *Jornal das Moças* é *A Saúde da Mulher*, um medicamento que costumava aparecer nas primeiras páginas, entre as páginas 5 e 8⁸, sempre em seguida de uma entrevista médica. Após o seu anúncio, a revista apresentava outros medicamentos, sempre em meio a um texto e outro, mas *A Saúde da Mulher* ocupava uma página inteira.

⁸ O *Jornal das Moças* costumava conter em torno de 50 páginas, as vezes mais do que isso, chegando a 70. Em edições especiais, como no natal, chegava a ultrapassar as 100 páginas.

Figura 2- A Saúde da Mulher

COISAS DA VIDA...

EPISODIO 1.



A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

Fonte: *Jornal das Moças*, nº 949, 1933.

No ano de 1933, *A Saúde da Mulher* começa a aparecer em forma de história em quadrinhos, com quatro episódios denominados “Coisas da Vida”, os episódios se repetem ao longo do ano. O primeiro episódio, apresenta um casal, aparentemente, feliz com sua vida conjugal, o que muda drasticamente um ano depois como podemos perceber na imagem acima (segundo quadrado), onde se apresenta estressada, queixando-se ao marido de estar passando por um momento de sofrimento. Desconsolada e com a certeza de que seu marido não a ama mais, a mulher vai buscar auxílio com sua mãe, a qual consola-a, alegando que toda aquela conturbação pode ser resolvida por um medicamento, que sempre utilizou nos momentos de aflição. Já na farmácia, o vendedor argumenta que sua mãe fazia uso regularmente deste medicamento, sempre a cada dois meses ia comprá-lo na farmácia. Um mês depois usando “a saúde da mulher”, pode-se ver que o casal está em harmonia novamente, já não há mais queixas ou discussões, a mulher agora está “restituída” aos braços do marido, e felizes, graças medicamento.

A história passa às leitoras do *Jornal das Moças* uma visão de que a felicidade conjugal do casal está diretamente relacionada á saúde do útero, já que, segundo a medicina da época, o útero doente, é capaz de alterar o corpo e a mente da mulher, como é o caso acima, onde ela se questiona se enlouqueceu. E para sua mãe, a filha vive uma perturbação comum às mulheres, e o remédio *A Saúde da Mulher*, resolverá o seu problema e obviamente das leitoras da revista, que se identifiquem com os sintomas. Este remédio, irá possibilitar que ela fique boa e passe a enxergar a vida com ânimo novamente, restituindo a paz e felicidade em sua vida e no seu casamento, evitando brigas ou até que o marido procure outra mulher, ou seja, mantenha seu casamento seguro.

Figura 3- A Saúde da Mulher

COISAS DA VIDA...

EPISODIO 2.



Ella - Homem sem coração! Chega em casa sem me dar a menor attenção e vae logo metter o nariz nos jornaes a vêr si encontra photographias de serigaitas de MAILLOT! Monstro!
Elle - ?!



Ella - Não me interrompa! Pirata! Conquistador de meia-tijela! Já sei que vae dizer que estava lendo as cotações dos generos... Batatas! Já ouviu?! Bá-tá-tas!!!
Elle - Mas...
Ella - Cale-se!



Ella - Maldita a hora em que me casei! Meu Deus, como sou infeliz!
Elle - Mas nem um santo aguentaria isto! Que inferno! Todo dia uma scena! Decididamente, a rua é o unico lugar onde posso estar socegado! Safa!



O amigo experiente - Meu caro, si a amas tanto, procura cortar o mal pela raiz. Vires para a rua a cada accesso, não adianta.
Elle - Mas, que fazer?
O amigo - A causa da irritabilidade da tua senhora deve estar no máo funcionamento do utero ou dos ovarios. Por que não a fazes tratar-se?
Elle - ?!



O amigo - A SAUDE DA MULHER fará o milagre - é o grande remedio para os incommodos das senhoras. Compra um vidro hoje mesmo. Levarás com elle a felicidade de regresso ao teu lar.
Elle - Santas palavras! Vou voando á primeira pharmacia!



Ella - Lembras-te, querido? Faz hoje um anno que brigámos pela ultima vez...
Elle - Másinhal Para que recordar?
Ella - Para abençoarmos a SAUDE DA MULHER, que me restituiu ao teu amor!...

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

No episódio dois de “Coisas da Vida”, apresentando *A Saúde da Mulher*, as histórias se assemelham, inicia com a esposa estressada, em discussão com o marido, que por sua vez não compreende o motivo dela estar assim, descontente, queixando-se do casamento e acusando o marido de estar procurando outras mulheres nos jornais. O marido, também descontente com aquela situação, recebe um valioso conselho de seu amigo, “cortar o mal pela raiz”, fazendo referência ao que seria a raiz de todos os problemas que o casal estaria enfrentando. O amigo diz que todo o problema está no mal funcionamento do útero e dos ovários e o aconselha a tratar esses dois, indicando *A Saúde da Mulher* para curar os incômodos da sua esposa. Já na última imagem, o casal se encontra em um momento quase íntimo, recordando da última briga entre eles e glorificando o remédio, responsável por “restituir” a saúde da esposa. Neste episódio, pode-se enxergar uma outra leitura, motivada por um marido irritado com a insatisfação de sua esposa e que procura obter um pouco de relaxamento fora de casa. Neste caso, mediante a leitura prévia do *Jornal das Moças* e tendo conhecimento da linguagem que essa revista priorizava, o anúncio passa uma mensagem explícita para as mulheres, o estresse e as brigas constantes, causados pelos incômodos uterinos, fariam seu marido buscar consolo e tranquilidade em outros lugares, afinal, a revista, com todos os seus conselhos, passa para as leitoras que o lar deve ser o lugar onde o marido procura tranquilidade para relaxar depois de um trabalho cansativo.

Figura 4- A Saúde da Mulher

COISAS DA VIDA...

EPISODIO 3.



- Que horror! Como está medonha a minha pelle! Agora compreendo porque o Octavio disse que meu rosto é um jardim!



- Como sou infeliz, meu Deus! Elle queria dizer que eu sou um canteiro vivo de... cravos e espinhas!



Mamãe - Vou matar saudades da Lucia.



- Não chores assim, Lucinha. Essas espinhas e manchas, que te enfeiam o rosto, são o resultado dos teus frequentes incommodos e irregularidades uterinas. E para isso ..



... existe um remedio maravilhoso, infallivel, abençoado hoje por milhares de lindas moças que tinham a pelle manchada como a tua.



Elle - Lucinha querida, como tens as faces lindas e rosadas!
Ella - São rosas de saúde... DA MULHER! ..



A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

O episódio três da série “Coisas da Vida”, trata, dessa vez, de um assunto que incomoda bastante o corpo feminino, as espinhas, algo que pode comprometer a beleza da mulher, afear o rosto e refletir negativamente na sua autoestima. Neste anúncio, uma mulher sofre com as espinhas e cravos, que aparecem em seu rosto e rapidamente tem o indicativo de que a feiura, causada pelas espinhas, pode impactar negativamente em seu relacionamento. Em uma visita de sua mãe, a personagem Lucinha expressa sua tristeza em relação as espinhas em seu rosto, já sua mãe a tranquiliza, comentando, novamente, que o motivo daquele mal estava no desequilíbrio de seu útero. Em uma conversa mais íntima, com tom de segredo, a mãe indica para filha “um remédio maravilhoso, infalível” que pode auxiliar Lucinha com seu problema. Tempos depois, Lucinha recebe elogios do seu marido, realçando suas faces, agora livres de espinhas e rosadas. Lucinha explica que são “rosas de saúde... DA MULHER” implicando que seu corpo está saudável novamente. A última imagem é a peça chave da história, Lucinha joga fora todos os seus produtos de beleza, ela com certeza não irá precisar mais deles, agora com *A Saúde da Mulher* ela tem a cura para qualquer mal que possa atingir seu corpo, sua beleza ou sua felicidade. Neste caso, diferentemente dos anteriores onde as personagens passavam por problemas sentimentais, o medicamento promete auxiliar no cuidado e manutenção da beleza feminina, ou seja, seu equilíbrio hormonal afeta sua beleza, logo *A Saúde da Mulher* ajuda a garantir o equilíbrio.

Figura 5- A Saúde da Mulher

COISAS DA VIDA...

EPISODIO 4.

NO DIA SEGUINTE

- Mas que maldade, Lili! Será possível que você recuse sempre meus convites para o banho?
- Não insistas, Jorge; nem penses mais de mim - mas hoje é impossível.

Não atino com a recusa systemática da pequena. Não põe maillot nem por decreto... Será que elle tem alguma cicatriz ou... Qual! A mana Sinhá é quem vae me decifrar esse enigma.

- Querida Sinhá! Que milagre é esse?! Tão cedo aqui por casa, hoje?
- Lili! Vim buscar você para o banho de mar! Vamos?! +

- Não avalias cómo soffro, tendo de recusar todos os convites. Mas com este ventre enorme de aleijada nunca poderei dispensar a cinta, nem vestir roupa de banho, vês? Eu sou muito infeliz!

UM MEZ DEPOIS

- Não se afflija, Lili. O ventre distendido assim é consequencia dos seus incommodos de mulher, ou mau funcionamento dos ovarios. E para isso ha um remedio unico, insubstituivel - A SAUDE DA MULHER?

- Lili, meu bem! Ora, afinal! Parece um sonho! E como estás linda!..

OUTRO MEZ DEPOIS

- ... E não esqueça que os nomes a gravar nessas alianças são Lili e Jorge!

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

Fonte: *Jornal das Moças*, nº 948, 1933

O quarto e último episódio de "Coisas da Vida" traz mais uma problemática que aflige corriqueiramente o corpo feminino e que é causa de muita infelicidade e desconforto para as mulheres, a gordura. Deve-se lembrar que o *Jornal das Moças*

também propagava um modelo de beleza a ser seguido pelas mulheres, então já era de se esperar que ele trouxesse imagens, falas, anúncios, o material que fosse, para convencer as mulheres de que elas deveriam emagrecer, possuir corpos saudáveis e serem sempre extremamente belas. Neste anúncio em particular, percebe-se uma mulher que frequentemente recusa convites para se banhar no mar com seus amigos. Um desses amigos, intrigado com as consecutivas recusas, manda uma terceira pessoa investigar o que há de errado. Ao conversar com Lili, a personagem do anúncio, Sinhá descobre que aquilo que aflige Lili é a gordura acumulada em sua barriga. Sinhá logo se utiliza da mesma justificativa usada nas outras histórias anteriores, “o ventre distendido assim é consequência dos seus incômodos de mulher”. Com o uso de *A Saúde da Mulher*, Lili quase que imediatamente se recupera, fica em forma novamente e enfim aceita o convite de ir se banhar com seus amigos. A última imagem, denuncia o que acontece pouco tempo depois disso, Jorge, amigo de Lili, comprando o que seria alianças de noivado. Nesse sentido, quando uma mulher bela, que esbanja beleza, saúde e boa forma, adquiridos através do uso de *A Saúde da Mulher*, ela pode atrair a atenção de pretendentes para se casar.

Esta série de anúncios, divididas em quatro episódios de *A Saúde da Mulher* foi lançada em 1933 e dura o ano inteiro, as histórias seguem se alternando durante o ano. *A Saúde da Mulher*, costuma trazer sempre uma pequena história para atrair as leitoras e, assim, apresentar seu desempenho na saúde feminina, sempre com imagens que ajudam a destacar aquilo que o anúncio deseja transparecer. Para Olga Brites (2000), as imagens desempenham um importante papel nas propagandas:

As imagens visuais não eram tratadas na propaganda como meras substituições da palavra escrita, uma vez que representavam uma cultura do olhar, que educava no sentido do consumo, da admiração da riqueza, da modernidade como espetáculo. A ilustração, portanto, não se constituía em simples confirmadora da mensagem verbal, representando uma outra leitura que queria atingir a população. Daí, edifícios, bondes e demais suportes poderem ser entendidos como pro p a g a d o res dessa nova leitura, mediante cartazes, out-doors e imagens diversas, integrando a constituição do social. Nas propagandas, textos e ícones eram linguagens diferentes, que se complementavam para transmitir suas mensagens, num diálogo entre a visualidade e o verbal. (Brites, 2000, p. 8)

Em 1934, o *Jornal das Moças* publica um novo anúncio de *A Saúde da Mulher* provando que este medicamento é útil para auxiliar as senhoras em qualquer idade, seja qual for o desequilíbrio que se esteja passando.

Figura 6- A Saúde da Mulher

A Sogra...



Moralidade :
Em toda a casa onde existir uma sogra, deve haver tambem um frasco d'A SAUDE DA MULHER.
Para os disturbios menstruaes, as colicas uterinas, reumatismos e todos os males da "idade critica" — A SAUDE DA MULHER.



A Saúde da Mulher

Fonte: *Jornal das Moças*, nº 983, 1934

O título da história já denuncia o conteúdo central que virá a seguir, a sogra. Pelos nomes dos personagens, Lili e Jorge, nota-se que pode ser uma continuação do último episódio de "Coisas da Vida", de 1933. A propaganda conta a história de

uma mulher mais velha, que passa pela chamada “idade crítica”⁹ e sofre com os problemas por essa fase, tais como discussões com sua filha, mau humor, nervosismo e falta de tolerância com os netos. Para solucionar o problema, o marido de sua filha propõe a esposa utilizar em dona Plácida um medicamento “poderoso e único”, *A Saúde da Mulher*. Um mês após estar fazendo uso deste remédio, a senhora obtém uma grande melhora, agora já de bom humor e brincando com sua neta.

Algumas especificidades que chamam atenção neste anúncio, e que não está nos anúncios anteriores, é, por exemplo, o pequeno texto no último quadro onde diz que em qualquer casa, que tenha uma sogra, “deve haver também um frasco d’A SAÚDE DA MULHER”, ou seja, esse medicamento é indicado para mulheres na mocidade e para senhoras com mais idade. Um segundo detalhe é a presença nesse texto de alguns males que *A Saúde da Mulher* auxilia no controle, como “distúrbios menstruais, as cólicas uterinas, reumatismos, e todos os males da ‘idade crítica’”. Outro ponto importante a ser discutido desse anúncio é a imagem do frasco do remédio, que aparece poucas vezes na revista. Já no frasco, nota-se a figura de uma mulher aparentemente jovem e bela, esbanjando saúde, o que reforça a fala de muitos historiadores, inclusive Denise Sant’Anna em seu trabalho sobre higiene e higienismo na república, quanto a imagem que a doença carregava nas revistas no início do século XX, pessoas com aparência desfigurada, corpos desarmoniosos, contorcidos de dor, sem beleza, é nesse sentido que os medicamentos sempre apareciam prometendo revigorar a saúde e fortalecer o corpo, ou seja, beleza era sinônimo de saúde.

Já em “Coisas da Vida”, é necessário considerar um fator importante, os quatro episódios dessa série mostram não somente como os males do útero conseguem afetar o cotidiano, a beleza ou a estabilidade do corpo das mulheres, mas também os anúncios ressaltam como as “doenças de senhoras” afetam diretamente os relacionamentos e a vida amorosa das mulheres e como as enfermidades podem modificar negativamente sua relação. Isso significa que estar doente poderia trazer males tanto para as mulheres como para seus parceiros, maridos ou namorados, que se sentiriam desconfortáveis mediante a enfermidade de suas parceiras. O *Jornal das Moças* era uma revista que transmitia, principalmente, um manual de comportamentos a serem seguidos pelas mulheres em vista de manter os bons costumes da época, então se os comportamentos desagradáveis, causados pelas perturbações uterinas, desencadeavam descontentamento nos homens e instabilidade nas relações afetivas, era necessário tratar, ou melhor, “curar” aquilo que era a origem do problema.

⁹ A “idade crítica” na linguagem médica da década de 1930 significa menopausa. Segundo Ana Paula Vosne Martins (2004), as mulheres passavam por quatro fases críticas, segundo os médicos, eram a puberdade, o ciclo menstrual, a gravidez e a menopausa. Eram períodos em que havia maior instabilidade no funcionamento do sistema nervoso feminino.

Figura 7- Regulador Sian

S REMEDIOS QUE SUA AVÓ
TOMAVA NÃO SERVEM
MAIS PARA A SENHORA!

**HOJE A VIDA
É OUTRA**

A CIENCIA,
NA SUA EVOLUÇÃO CONSTAN-
TE, ENCONTROU NOVAS FORMU-
LAS MAIS EFFICAZES PARA O
TRATAMENTO DAS MOLESTIAS
DO **UTERO E OVARIOS**

A
MULHER MODERNA
USA

**REGULADOR
SIAN**

Fonte: *Jornal das Moças*, nº 1035, 1935

“A mulher moderna usa *Regulador Sian*”. Realmente, esse medicamento foi um sucesso nos periódicos na década de 1930. Era o adversário dos remédios tradicionais, os que apareciam no *Jornal das Moças* como aqueles que a mãe e a avó usavam nas suas fases críticas, como *A Saúde da Mulher*, por exemplo. Ele prometia uma renovação na forma de tratar as doenças de senhoras, com um discurso modernista de que os remédios que foram usados pelas senhoras mais velhas não serviam mais para as mulheres modernas. O anúncio não especificava a maneira que ocorria a nova forma de “tratar” a doença, ou curar, o que era mais provável, mas fala que “encontrou formulas mais eficazes para o tratamento das moléstias do útero e ovários”.

Na imagem, o que chama atenção é justamente a figura da mulher moderna de 1930, com cabelos curtos e vestido decotado, um marco para o período, olhando para o que seria o reflexo de uma mulher do final do século XIX. A imagem vem do fato de que no século XX, assim como Mary Del Priore defende em seu livro *Histórias Íntimas*, o corpo feminino começa a se despir mais, como havia o incentivo para que as mulheres praticassem mais atividades e tivessem mais liberdade, de forma a movimentar o corpo e necessitando de mais mobilidade, logo, era preciso mais conforto. Nesse sentido, a mulher moderna precisa de medicamento que acompanhe suas necessidades, daquela que começa a cultivar e modelar seu corpo, deseja corrigir suas imperfeições, preocupa-se com sua higiene e bem estar.

Figura 8- Uterosano

Uterosano
TORNA SÃO
O UTERO DOENTE

MARAVILHOSO NOS SEGUINTE CASOS:

1. INFLAMAÇÃO DO UTERO;
2. CATARRHO DO UTERO;
3. CORRIMENTOS DO UTERO;
4. COLICAS DO UTERO;
5. HEMORRHAGIAS DO UTERO;
6. REGRAS DOLOROSAS E ANORMAES;
7. FALTA DE REGRAS;
8. REGRAS EXCESSIVAS;
9. PERTURBAÇÕES DA PUBERDADE E DA MENOPAUSA;
10. FAVORECE OS PHENOMENOS DA GRAVIDEZ;
11. COMBATE OS ENJÓOS E VOMITOS DA GRAVIDEZ;
12. FACILITA O PARTO;
13. ALIVIA AS DÓRES DE CABEÇA, VERTIGENS, ETC.
14. RESTABELECE O APPETITE;
15. TONIFICA O UTERO.

É A VIDA DA MULHER; DÁ-LHE SAÚDE, ALEGRIA E VIGOR
MEDICAMENTO DA EDADE CRITICA
NAS PHARMACIAS E DROGARIAS

DROGARIA COLOMBO
GONÇALVES DIAS-38-RIO

Fonte: *Jornal das Moças*, nº 867, 1932

O *Uterosano*, mais um medicamento marcante do *Jornal das Moças*, ilustrava sempre as primeiras páginas da revista, algumas vezes aparecia em dois momentos, no início com imagem acima e na segunda metade da revista no meio de anúncios de lojas, concursos de beleza em um formato menor, apenas com o nome e o slogan “Torna são o útero doente”, frase que nomeia este trabalho. Em alguns anúncios, é possível observar para quais doenças aquele remédio estava sendo indicado, além disso, certos medicamentos não se restringiam apenas ao aparelho uterino, como também para determinadas partes do corpo. No caso do *Uterosano*, o remédio dá “saúde, alegria e vigor” há uma lista com quinze indicações, a maioria estava ligado aos males do útero e para facilitar o parto, atuando desde a falta de regras até regular regras excessivas, combatendo enjoos e vômitos da gravidez e facilitando o parto. Como o próprio anúncio diz “tonifica o útero”. Dois pontos pertinentes, presentes na propaganda, são dois distúrbios que este remédio ajuda a fortalecer, um deles é a apetite e outro, um conjunto de duas disfunções, são dores de cabeça e vertigens. Esse é um indicativo de que até a década de 1930, os médicos acreditavam na teoria estabelecida no século XIX de que qualquer mal, seja dor, sangramento, perturbações emocionais ou o que fosse, estava ligado ao desequilíbrio da saúde do útero e ovários.

Mas onde estava a mulher na sociedade nas primeiras décadas do século XX? A vida das mulheres nas primeiras décadas do século XX esteve limitada pelas paredes de sua casa, cercada de tradições, costumes e padrões. A moral e os padrões sempre buscavam reafirmar a imagem das mulheres como seres de natureza frágil, sujeitas às doenças e quase não participavam de eventos sociais, sendo vistas como a segunda classe.

Nos periódicos, é visível uma linguagem dirigida as mulheres que são esposas, mães e donas de casa, oferecendo dicas de cuidados domésticos, criação dos filhos e até mesmo o “manual da boa esposa”. As revistas não traziam assuntos econômicos e políticos, uma vez que era entendido que as mulheres não conseguiriam acompanhar tais avanços junto com suas complexidades. Não era adequado a uma mulher se importar com esses assuntos, elas deveriam aprender a bordar, cozinhar e limpar, já que ela seria atuante apenas no ambiente familiar.

Em síntese, encontra-se anúncios de outros medicamentos como *Elixir das Damas*, *Gotas Salvadoras*, *Fandorine*, *Cunhandy*, *Regulador Sian*, *Ovarion*, *Utercolina* e muitos outros. Esses reguladores proporcionavam não somente alívio das cólicas e controle da menstruação, mas sim curar as doenças causadas pelo útero inflamado, prometendo o melhoramento de dores de cabeça, vertigens, enjoos e vômitos de gravidez, além de fortalecer hormônios, reestabelecer a apetite, atuar no controle da puberdade e menopausa. Dessa forma, percebemos que o *Jornal das Moças* tinha o interesse em assumir um caráter de proximidade com as leitoras, buscando passar um tom intimista, portanto os anúncios de remédios se mostravam como conselhos de uma amiga, anunciando que as mulheres deveriam voltar seus cuidados ao útero, a fonte da sua saúde e beleza, no sentido de resgatar e fortalecer valores que a própria revista passava.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, este trabalho ainda demanda uma pesquisa de forma profunda, de modo a investigar e apontar as maneiras que outros anúncios de remédios não estudados aqui se manifestam no *Jornal das Moças* e as suas percepções em torno do corpo feminino doente. Através da leitura de seus anúncios, é possível perceber as alterações da revista ao longo dos anos e o interesse formativo que desejava ser

abordado e transferido as leitoras. No período em que circulam as propagandas de remédios para as senhoras no *Jornal das Moças*, há grandes alterações no formato de seus anúncios, para se adaptarem ao público.

Por meio desta pesquisa, foi possível pontuar a quantidade de anúncios de medicamentos para “doenças de senhoras” que aparecem no *Jornal das Moças* desde 1916 a 1940, além de poder investigar os principais remédios, os que estiveram por um maior período de tempo ocupando as páginas da revista, observar suas indicações, o design que eles apresentam, como enxergam o corpo feminino, as doenças que se manifestam nele e etc. Através disso, conseguimos notar que a forma de tratamento desses remédios se manteve ligados aos discursos de médicos, no qual a questão da saúde feminina era abordada de forma muito centrada ao útero, como sendo o centro da organização nervosa do corpo feminino e que, qualquer que fosse as perturbações que sofresse, seria refletido na saúde das mulheres. Nesse sentido, no século XX os remédios viriam a “curar” aquilo que levava o corpo a adoecer, a fonte da saúde das mulheres.

No século XX, o discurso médico não se utiliza mais do termo “tratar” uma doença, mas sim “curar”, tornar o corpo saudável novamente, ou, neste caso, o útero saudável. Como foi discutido no texto, o ato de medicar é também se apropriar da problemática e torná-la uma preocupação pública, da esfera social e nesta pesquisa foi possível vislumbrar isso, uma vez que propagandas de remédios só passam a ganhar espaço em revistas com o Movimento Sanitarista do final do século XIX, vindo de uma preocupação médica de fazer com que as pessoas abandonassem as práticas de curas naturais e se apropriassem de medicamentos farmacológicos.

O século XIX tem sido o centro dos olhares de pesquisadores quanto a saúde das mulheres, visto que foi o momento onde começam a surgir as pesquisas médicas, quanto ao corpo feminino e suas especificidades, no entanto, o século XX, como sendo a extensão disso, ainda necessita de olhares investigativos no que diz respeito à produção médica e observação da saúde feminina. Os anúncios dos medicamentos nas revistas é apenas uma parte do que pode se tornar uma grande pesquisa, ligando os discursos médicos nas revistas e as propagandas de remédios.

Outro fator que esta pesquisa contribuiu foi refletir sobre a relação da revista *Jornal das Moças* com as suas leitoras. Observou-se, principalmente, com a análise do remédio *A Saúde da Mulher*, que os anúncios tentavam passar uma situação cotidiana das mulheres, momentos nos quais elas poderiam fazer uso daquele remédio. Em grande parte dessas situações, os anúncios abordavam as mulheres em seus relacionamentos, sendo um indicativo de que, ao passar por alguma enfermidade, as mulheres teriam alterações, principalmente nervosas, de modo que não seriam mais doces e gentis com seus parceiros. O discurso que o *Jornal das Moças* pregava era que as mulheres deveriam ser sempre adoráveis com seus maridos e namorados, portanto, um comportamento contrário a isso era algo que poderia comprometer seus relacionamentos. Os anúncios surgem também, nesse sentido, de formar as leitoras que podem deixá-las mais doces, delicadas e belas.

É importante pontuar também que os medicamentos podem surgir como uma manipulação dos corpos. Percebemos na análise dos anúncios que estes sempre traziam imagens de mulheres com corpos saudáveis, corpos dóceis, vigorosos sem qualquer vestígio de doença porque eram corpos que faziam uso daquele medicamento. A doença era vista como algo que alterava o conjunto, que inflamava, deformava, como uma desordem. Essa desordem trazia incômodos as pessoas, aqui as mulheres. Nesse sentido, o remédio seria o elemento que deixaria o corpo em ordem novamente, livrando-o dos males das doenças e trazendo vitalidade. No caso

dos “remédios para as senhoras”, não era apenas vitalidade que os medicamentos garantiam, mas também a sutileza, doçura, suavidade, beleza e juventude.

Por fim, esta pesquisa ainda tem muito o que contribuir com a História da Saúde e da Doença e com a história da revista *Jornal das Moças*. Ainda há debates a serem levantados e é necessário continuar a pesquisar e questionar as fontes, no que se refere a saúde e a doença das mulheres. Os resultados obtidos aqui são pequenos remendos de uma história que tem muito o que contar.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Dálete Cristiane Silva Heitor de. **A revista que pode deixar em sua casa porque não há perigo de perversão**: a representação da mulher nas colunas da revista *jornal das moças* (1930-1945). 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

ARAÚJO, Rafael Nóbrega. **O "terrível flagello da humanidade"**: os discursos médico-higienistas no combate à sífilis na Paraíba (1921-1940). 2020. 264 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

BERTUCCI, Maria Liane. Saúde no Brasil do início do século XX: tradição, saber científico, reeducação popular. **Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP-USP**. São Paulo, v. 8, 2008.

CARLOS, Maria Marleide Morais. **“MODAS E MODOS”**: o feminino na revista *jornal das moças*, rio de janeiro/rj (década de 1950). 2021. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2021

CORBIN, Alain. **O prazer do historiador**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jun. 2005.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, 2007.

DA CUNHA, Karolina Dias. Os múltiplos olhares sobre a história da medicina e da saúde pública brasileira. **Anais dos encontros internacionais ufes/paris-est**, 2015.

DE FREITAS, Patrícia. "A mulher é seu útero". A criação da moderna medicina feminina no Brasil. **Antíteses**, v. 1, n. 1, p. 174-187, 2008.

DE LUCA, Tania Regina. Mulher em revista. **Nova história das mulheres no Brasil**, p. 447-468, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FLECK, Eliane Cristina Deckmann; ANZAI, Leny Caselli. Apresentação do dossiê "História da Saúde e das Doenças: Protagonistas e Instituições". **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. 2.ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1980.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 1, 21 mai 1914.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 2, 1 jun 1914.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 44, 1 mar 1916.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 867, 28 jan 1932.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 947, 10 ago 1933.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 948, 17 ago 1933.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 949, 24 ago 1933.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 950, 31 ago 1933.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 983, 19 abr 1934.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 1021, 10 jan 1935.

Jornal das Moças, Rio de Janeiro, nº 1035, 18 abr 1935.

LE GOFF, Jacques et al. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm história**: Lisboa. Portugal: Terramar, 1997.

LUZ, Madel T. **Natural racional, social**: razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro. Graal, 1984.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

MOTA, André; SCHRAIBER, Lilia Blima. Medicina sob as lentes da História: reflexões teórico-metodológicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1085-1094, 2014.

ROSA, Lucas Santos; PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. **Homem ideal em revista no *Jornal das Moças* (anos 1950)**. Caderno Espaço Feminino, v. 32, n. 1, p. 175-192, 2019.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Higiene e higienismo entre o Império e a República. **História do corpo no Brasil**, v. 1, p. 283-312, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **As infinitas descobertas do corpo**. cadernos pagu, n. 14, p. 235-249, 2000.

SANTOS, Maria Aparecida Conceição Mendonça; SALLES, Vera Lúcia Rolim. O corpo em transe: a moral sexual sobre o corpo feminino no Brasil no final do século XIX e início do XX. **Estação Literária**, v. 13, p. 120-132, 2014.

SANTOS, Vanessa Luzia de Castro Quadrado dos. **A representação da mulher na revista feminina *Jornal das Moças* durante a primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ/IH, 2019.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicação do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 84 p.

VIEIRA, Lucas Schuab. A Imprensa como fonte para a pesquisa em História: Teoria e método. **Revista de resenhas de comunicação e cultura**, 2013.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, que permitiu o alcance dos meus objetivos durante todos meus anos de estudo e formação acadêmica e por ter permitido que eu tivesse determinação para não desanimar nos momentos de aflição, mantendo sempre o foco e o empenho.

A Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade de cursar a graduação em História, por ter proporcionado um ambiente intelectual promissor e fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa e para minha formação profissional.

Aos meus pais, Maria Firmino Duarte e Sebastião Firmino Duarte, pelo amor incondicional e proteção durante todos os anos da minha vida, por serem meu suporte, meu apoio, minha fortaleza, meu refúgio e por serem as primeiras pessoas a acreditar no meu sucesso. Nunca me deixaram esmorecer ou limitaram meus passos, compreendendo minha ausência em alguns momentos enquanto me dedicava a este trabalho. Meu eterno agradecimento.

Ao meu irmão, Serginaldo Firmino Duarte, que sempre sonhou em me ver formada, por ser meu companheiro em todas as lutas e jornadas. Por compreender minhas horas excessivas de estudo, sempre estando presente e a minha disposição em todos os momentos. Sem o seu apoio eu não teria conseguido chegar até aqui.

A minha linda e maravilhosa Katarina Vitória Firmino, por ser a luz dos meus dias, até nos mais nublados. Muitas vezes você foi o motivo dos meus sorrisos e fonte da minha felicidade. Você tem o meu amor até a eternidade.

A toda a minha família, a família Firmino, que sempre foram meus apoiadores e pelos ensinamentos de tantos anos. Vocês nunca me deixaram esquecer de quem sou e de onde viemos. Muito obrigada pelo incentivo diário.

Aos meus colegas de turma, nas pessoas de Júlia, Denilson, Carlos, Karla, Camila, João, Kevin, Thalita, Mércio, Lucas Santos, Lucas Soares, Bianca, Alícia, Ramil, Emanuel, Janilma, pela amizade, companheirismo e união durante toda nossa jornada na graduação. Passar por essa etapa com vocês realmente tornou o caminho mais leve e alegre. Vocês terão sempre um lugar no meu coração e me lembrarei com muito carinho dos momentos que passamos juntos. Meu eterno agradecimento.

As minhas amigas, Mayra e Mariane, pela amizade, apoio, lealdade e por aguentar meu estresse diário. Sem vocês ao meu lado tudo teria sido mais difícil. Vocês me trouxeram clareza, paz e discernimento.

A minha orientadora, Pra. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo, pela orientação, paciência carinho e amizade. Você acreditou no meu potencial e sempre me incentivou a ser pesquisadora, participar de eventos e acima de tudo me apresentou as discussões sobre História da Saúde e das Doenças. Devo muito as nossas orientações, diálogos e ligações que colaboraram para a minha formação e para esta pesquisa. Muito obrigada por ter “pegado” a minha mão e me levado para lugares onde nunca imaginei estar. Meu eterno agradecimento a você.

Aos meus professores e professoras da UEPB, Alômia, Naiara, Joedna, Elisa, Susel, Dmitri, Dayane, Luciana, Luis, Cristiano, Carlos Adriano, Joana, pela ajuda e pela paciência que me ajudaram chegar até aqui, possibilitando que eu fosse atuante em tantos projetos. Carrego comigo importantes ensinamentos de cada um de vocês

A Rilane, Diego e Pricila pelas nossas conversas e desabafos nos períodos entre aulas e pelas xícaras de café e fatias de bolo trocadas. Nossas conversas me enriqueceram bastante. Vocês foram essenciais para minha formação e se tornaram grandes amigos para mim.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para este trabalho. Meu afetuoso agradecimento.